

REVISTA

DO

MUSEU PAULISTA

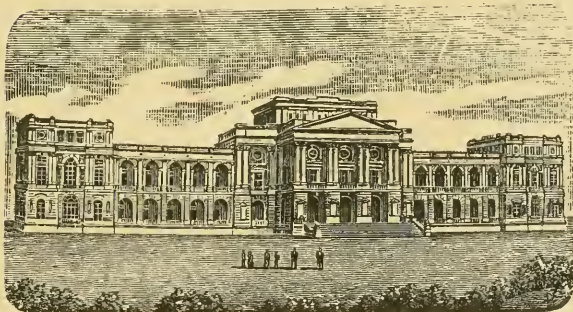
PUBLICADA POR

RODOLPHO von IHERING

Director Interino do Museu Paulista

—◆◆—

VOLUME VII



S. PAULO
Typ. CARDOZO, FILHO & C.^{IA}
35, RUA DIREITA, 35
1907



Os Índios Patos e o nome da Lagoa dos Patos

PELO

Dr. HERMANN VON IHERING

Tendo vivido por muitos annos á margem da Lagoa dos Patos e publicado sobre ella dous estudos (10 e 11), liguei interesse especial ao nome desta lagoa e por fim adoptei a opinião de que este nome não lhe provinha das aves aquaticas denominadas «Patos», mas de uma tribu de índios, aliás pouco conhecida, dos Patos. Esta opinião foi combatida por Alfredo F. Rodrigues no seu artigo «O nome de Lagoa dos Patos» (1) declarando elle imaginaria a dita tribu dos Patos.

Pretendendo em seguida tratar por extenso do assumpto, reproduzo aqui a maior parte do referido artigo do Sr. Alfredo F. Rodrigues.

Com referencia á idea de que a Lagoa dos Patos tomou o nome de uma tribu de índios, que habitára em suas margens, elle diz o seguinte:

O erro data de Ayres de Casal, ou pelo menos foi elle que o vulgarisou, pela notoriedade que alcançou a sua Chorographia Brazileira. Diz elle que «a Lagôa dos Patos tomou o nome de uma nação hoje desconhecida.»

Referindo-se ao canal entre a ilha de Santa Catharina e o continente, diz tambem: «Rio dos Patos lhe chamavam os primeiros descobridores, porque servia de

limite entre os índios deste nome que se extendiam até o S. Pedro e os Carijós para o norte até Cananéa».

Contra esta affirmativa foi o primeiro a protestar o Visconde de S. Leopoldo, nos «Annaes da provincia de S. Pedro», citando a opinião do Padre Simão de Vasconcellos:

«A origem deste appellido esquadrinhou e nos transmittiu o padre Simão de Vasconcellos, que procedeu de uma armada hespanhola, que, em viagem para o Rio da Prata, 1554, obrigada por temporaes, arribou á deserta ilha denominada ao depois de Santa Catharina e deixára alli alguns patos que, procreando maravilhosamente, se foram espalhando em copiosissimos bandos por todo aquelle litoral; e foi a causa donde a lagoa e toda aquella terra se chamavam dos Patos e até hoje lhes dura este nome.»

Em nota accrescenta ainda: Nestes pontos de pura tradição, inclino-me a seguir antes o padre Vasconcellos, que, provincial e chronista da Comp. de Jesus no Brazil, escrevendo na Bahia pelos annos de 1663, viveu mais proximo aos factos e teve mais proporções de os averiguar do que o padre Casal na Chorographia Brazileira que, aliás, merecendo grande conceito no que escreveu das provincias do norte, que examinou ocularmente, não passando do Rio de Janeiro para o sul, escreveu por méras informações; por isso não é muito que claudicasse a ponto de addicionar provincias ao imperio do Brazil que não lhe pertenciam, e entre outras cousas mais, dando existencia a uma nação dos Patos de que não se encontram os minimos vestígios. Vide a enumeração que faz das nações indias o mesmo padre Vasconcellos nas *Noticias antecedentes das cousas do Brazil*, n. 151 e 152.

A mesma versão se encontra no Santuario Mariano, chronica escripta pelos jesuitas, cujo primeiro

volume se publicou em 1707, apparecendo o ultimo em 1723:

«Ilha de Santa Catharina.—Patos.—Cobrem estas aves as praias e terras da beira-mar, por distancia de 50 leguas e mais. São os mesmos da Europa. Ali os soltaram uns hespanhoes que faziam viagem para o Rio da Prata em 1554.»

Enganaram-se na data, porém, tanto o Visconde de S. Leopoldo como os dous chronistas jesuitas, pois que ali já existiam patos muitos annos antes, sendo conhecidos por este nome diversos logares na costa desde Santa Catharina até o Rio da Prata.

De facto, João Dias de Solis, chegando em principios de 1516 á ilha de Santa Catharina, deu-lhe o nome de *Ilha dos Patos*; e na embocadura do Rio da Prata, denominou Rio dos Patos a um arroio entre 35.º e 34 $\frac{1}{3}$.º.

Não existe o roteiro da viagem de Solis, por isso não se póde precisar o motivo por que elle escolheu o nome Patos para esses dous lugares.

Póde-se, porém, affirmar que não o tirou de uma tribu de indios, pois que nenhum dos historiadores do seculo XVI, que se referem á sua viagem (Oviedo, Guevara e Herrera, 1535, 1552 e 1601) faz menção de taes indios, citando pelo contrario os Charruas e outros.

Devia, portanto, provir o nome da grande quantidade de patos ali encontrados.

Isto não é uma simples conjectura sem base, porém um facto confirmado por documentos que datam de poucos annos depois. No roteiro da viagem de Diogo Garcia, realisada em 1526 e 1527, lê-se o seguinte: «E' andando eu el camino allegamos a um rio que se llama el rio de los Patos questá a 27 grados, que ay una

buená geración que hacen mui buena obra a los christianos, e llaman-se los Carrioces, que ali nos deram muchas vituallas que se llama millo é harina de mandioco, e muchas calavazas e muchos patos e outros muchos bastimentos porque eran buenos yndios».

Na carta em que Luiz Ramirez descreve a viagem de Sebastião Gaboto, realisada ao mesmo tempo que a de Garcia, tendo-se os dous exploradores encontrado em Santa Catharina, lê-se tambem: «Dijeron que quatro mezes poco más ó menos antes allegasemos a este puerto de los Patos, que asi se llamaba de elles estaban. . . . «En esta isla habia muchas palmas en este puerto nos traian los yndios infinito bastimento asi de faisanes, de gallinas, babas, patos, perdizes, venados, que de esto todo y de otras muchas maneras de caza habia en abundancia y mucha miel».

Em nenhum destes dous documentos, que assignalam a existencia de patos em Santa Catharina, se falla em indios com tal nome, apezar de virem relacionadas as tribus encontradas pela costa. Diogo Garcia dá mesmo o nome dos indios de Santa Catharina, *os Carrioces*.

Outro testemunho confirma ainda estes dous. O adelantado D. Alvaro Nunes Cabeça de Vacca, tendo arribado a Santa Catharina em 29 de Março de 1541, cruzou dali em direcção ao Paraguay, pelo sertão, onde encontrou, dias depois, uma tribu de indios, que o receberam com mostras de amizade. Nos *Commentarios* da expedição, lê-se: «Esta nação chama-se Guarany, são lavradores que, duas vezes por anno, semeiam milho. Cultivam tambem mandioca (caçabi), criam gallinhas e patos á maneira de Hespanha e em suas habitações têm muitos papagaios».

Ha ainda uma objecção a refutar, e esta opposta pelo Dr. Hermann von Ihering, que, encarando a questão sob um ponto de vista differente, negou a existencia na

Lagôa e em Santa Catharina do pato commum (*Cairina moschata*), concluindo d'ahi que não podia ter elle dado origem ao nome, que no seu entender provêm dos indios Patos. O argumento do illustre naturalista, que á primeira vista parece resolver a questão, não resiste a exame. Os primeiros exploradores da costa, não sendo entendidos em historia natural, podiam tomar pelo pato europeu qualquer outro palmipede, que se lhe assemelhasse um pouco.

Do exposto podem-se tirar tres conclusões:

1.º Em toda a costa de Santa Catharina ao Rio da Prata havia grande abundancia de patos, que foram vistos por Solis, Diogo Garcia, Sebastião Gaboto e Cabeça de Vacca.

2.º Nenhum dos chronistas e roteiros do seculo XVI faz menção de indios Patos, apesar de relacionarem as tribus da Costa.

3.º Simão de Vasconcellos explicou bem a origem dos nomes Lagôa dos Patos, Rio dos Patos, Laguna dos Patos; porém enganou-se, affirmando que os patos começaram a procrear ahi em 1554.

Deve ficar, portanto, como certo, que o nome da Lagôa dos Patos, provem das aves desse nome e não de uma tribu de indios assim chamada».

A questão tem, como se vê, duas faces, uma ornithologica e outra ethnographica, que em seguida trataremos separadamente.

O ponto de vista ornithologico.

As opiniões dos autores divergem muito sobre esta questão, opinando uns por aves domesticas importadas, outros por diversas aves indigenas, entre as quaes é preciso mencionar particularmente: o Pato do Brazil, o

Biguá e o Penguin. O nome «Pato» cabe em geral ás especies maiores dos Palmipedes comestiveis da familia Anatidæ, cujas especies menores são denominadas Marrecas. Esta palavra de «Pato» acha-se, em sua applicação no Brazil, restricta á *Cairina moschata* (Linn.), denominada «Pato real» pelos hespanhoes. Esta especie pertence em geral mais ás regiões centraes do Brazil, sendo rara, ou faltando mesmo, na maior parte do nosso littoral. No Rio Grande do Sul é encontrada particularmente ao longo dos grandes rios, marginados por matto alto; mas não é ave da Lagoa dos Patos. Ha nesta um cysne, *Cygnus melanocoryphus* (Mol.), denominado «Pato arminho». Embora seja certo que o numero das aves aquaticas nas margens da «Lagoa dos Patos» diminuiu bastante nos ultimos cincoenta annos, assim mesmo perto da cidade do Rio Grande obtive nada menos de 14 especies de Anatidas; não estava incluido, entretanto, neste numero a *Cairina moschata*. Como as minhas observações estão de accordo com as de Wied, Azara e outros observadores, é certo que o nome da Lagoa dos Patos não pôde ser derivada de patos silvestres do genero *Cairina*, posto que se tome por base as actuaes condicções faunisticas. Este facto, comtudo, não exclue a hypothese de este nome provir de patos domesticados. Infelizmente é muito insufficiente o nosso conhecimento das aves criadas pelos indigenas antigos do Brazil. Uma das informações mais valiosas neste sentido devemos a Alvar Nunes Cabeça de Vacca (N. 2, p. 50), que em sua expedição pelo interior do Estado de Santa Catharina em 1541 notou que os indigenas «criam gallinhas e gansos á maneira dos Hespanhoes». Esta indicação evidentemente se refere a Jacús e Patos e observo que eu mesmo tive, no terreiro da minha propriedade na Barra do Camaquam, Jacús e tambem uma *Cairina moschata* silvestre, em estado mais ou menos domesticado.

Penso que entre todas nossas aves o pato é o que com mais facilidade pôde ser domesticado e cruzado com as marrecas e patos criados. Os Jacús também são amansados com relativa facilidade, mas de noute não são capazes de entrar no gallinheiro, empoleirando-se, pelo contrario, na cumieira da casa.

Von Martius diz (N. 6, p. 24) que na região amazonica se criam especies de *Psophia* e *Crax* e no Brazil oriental o Mutum (*Crax carunculata* Temm.). Markgrav descreve bem (N. 9, p. 213) o pato, mas não diz que seja criado pelos indigenas, acontecendo o mesmo com Azara, Wied e tantos outros autores, que consultei.

O padre Nobrega (N. 17, p. 91) diz que no Estado de S. Paulo houve muita caça de matto e patos, que os indios criam; bois, vaccas, ovelhas, cabras e gallinhas se dão também na terra e ha dellas grande quantidade. Outra informação valiosa referente ao Estado da Bahia devemos a Gabriel Soares que (N. 16, p. 209-210), diz «criam-se mais ao longo d'este rios e nas alagôas muitas adens, a que o gentio chama upeca, que são da feição das da Hespanha, mas muito maiores, as quaes dormem em arvores altas, e criam no chão perto da agua. Comem peixe, e da mandioca que está a curtir nas ribeiras, tomam os indios estas adens, quando são novas, e criam-n'as em casa, onde se fazem muito domesticas».

E' certo que o Pato europeu não é mais senão um descendente da *Cairina moschata* da America meridional. Han (N. 7, p. 290) diz que já em tempos remotos se criavam patos na America.

Na sua segunda viagem Colombo viu destas aves em S. Domingos e entre ellas também brancas. Southey, conta (History of Brazil; London 1810, T. I, p. 127) que os indigenas no Paraguay criavam nas suas casas patos almiscarados, o que se refere á *Cairina moschata*. Presume-se que o pato, que era a unica ave criada pelos

antigos Peruanos chamado «nuñuma» veio do Perú á Europa, passando pela Africa. A primeira descripção desta ave deu, na Europa, Conrad Gesner em 1555 e no mesmo anno em Paris já se offereciam patos como fina iguaria. Na America meridional os patos eram criados, segundo estes dados, no Perú, Paraguay e no Brazil.

Parece entretanto pouco provavel, que já então houvesse patos domesticados na costa, como se deprehe de tambem do trecho indicado de Alvar Nunes Cabeça de Vacca. Por esta razão não podemos admittir que a ilha de Santa Catharina e diversos rios, portos e a Lagoa dos Patos tivessem recebido seus nomes de patos domesticados do genero *Cairina*.

F. F. Outes (N. 8, p. 432) dá sobre o nome da ilha de S. Catharina a seguinte informação :

Santa Cruz en su «Islario» dá a entender claramente que tanto á la isla de Santa Catharina como al territorio continental adyacente se conocia en la primera época del descubrimiento bajo el nombre de los patos «por los muchos de ellos que alli se vieron la primera vez que fué descubierto.» Esta afirmación del illustre cosmografo se halla confirmada en muchos documentos de la época. Me bastará citar las declaraciones de Antonio de Montoya y el «maestre» Juan en respuesta á la 20.^a pregunta del interrogatorio en el pleito del capitán Francisco del Rojas con Sebastian Caboto.

Entre los autores modernos todos han aceptado la denominación antedicha . . . »

— «La causa del mencionado nombre parece estar en la gran cantidad de «patos negros sin pluma, y con el pico curvo», conforme a expressão de Francisco Lopez de Camara (Historia general de las Indias, in *Historiadores primitivos de Indias* I, 212). Estas aves, continua Outes, alguns autores suppunham serem «penguines.»

Estas informações antes difficultam do que facilitam a explicação. Não podemos admittir que estes patos

tivessem sido Penguins—*Spheniscus magellanicus* (Forst) porque estes, embora apparecendo as vezes nas costas do Brazil meridional, nunca entram na agua doce, não podendo, por consequente, dar o seu nome a rios e lagoas. Alem disto a côr é diferente e tambem o bico, é direito sem ponta recurvada.

O caracter indicado do bico nos faz pensar no Biguá (*Carbo vigua* Vieill.) que tambem é de côr uniforme preta, mas a expressão «sem pennas» não pôde ser applicada nem a esta, nem com relação a qualquer outra especie. Alem disto o Biguá, muito semelhante á especie congenera da Europa, conhecido como «Corvo marinho», não pôde ser confundido com patos e marrecas e ocorre nas costas da America meridional desde a Patagonia até a Guyana.

Observo ainda que não é facil explicar o nome de «Biguassú» ou Biguá grande, dado a um rio de Santa Catharina, visto que ha uma só especie de Biguá. Ha outra ave, bastante diferente em côr e bico, que é denominada Biguá-tinga (*Plotus anhinga* L.) porém é mais ou menos do mesmo tamanho e não ocorre na costa, mas nos grandes rios no interior do Brazil.

Deste modo entende-se que os patos a que se referem os historiadores não pôdem ter sido nem penguins nem biguás, sendo possivel que se tratasse da *Cairina moschata*, provavelmente então muito mais commum na zona littoral do Brazil meridional do que hoje.

Ponto de vista ethnologico

Numerosos escriptores dos seculos XVIII e XIX referem-se a uma tribu de Indios *Patos*. Sobre o domicilio della diz o Coronel José J. Machado de Oliveira (N. 3, p. 230): «O rio dos Patos é hoje conhecido com o nome de Biguassú, que desemboca no canal que separa do

continente a ilha de Santa Catharina; servia elle de confins ás tribus dos Carijós e dos Patos, que habitavam, a primeira, o littoral entre a Conceição e o Biguassú, e a segunda o que decorre deste para o sul.»

Na sua historia da capitania de S. Vicente, publicada em 1772, diz Pedro Taques de Almeida Paes Leme (N. 14, p. 145): «E' certo que da villa de S. Vicente sahiram em 24 de Agosto de 1554 os padres jesuitas Pedro Corrêa e João de Souza para a missão dos gentios *Tupis e Carijós* dos Patos e ambos foram mortos pela barbaridade destes indios, como escreve o padre Simão de Vasconcellos na Chronica do Brazil liv. I p. 147, onde mostra que Pedro Corrêa era sujeito de nobreza conhecida, e se fizera opulento na villa de S. Vicente, para onde tinha vindo com o fidalgo Martim Affonso de Souza, porem que, deixando a vida secular, tomára a roupeta no collegio de S. Vicente, e, ordenado, de presbytero, empregára o seu talento e sciencia da lingua dos gentios em convertel-os á fé catholica, até que encontrára com a corôa do martyrio pelos barbaros indios Carijós do sertão dos Patos».

Outras informações sobre a região occupada pelos Patos encontram-se no artigo de Felix F. Outes, «El puerto de los patos» (N. 8), que reproduz varios mappas antigos do Brazil e do Paraguay, que, alem dos dados geographicos, contem indicações sobre as diversas tribus indigenas. Estes mappas dão para a região do Rio Grande do Sul e parte contigua de Santa Catharina o nome dos Indios Patos. O mais antigo destes mappas com tal indicação é o da Est. VIII, fig. 2, «construido por los jesuitas (1646—1649)». Todos os outros mappas seguintes indicam na mesma região os Indios Patos. Os mappas mais antigos, publicados por Outes, não dão os nomes das tribus indigenas.

Não parece existir nenhuma informação exacta sobre estes Patos. Tomando em consideração que o territorio

do Rio Grande do Sul nos tempos antigos não foi explorado e só bem tarde foi colonizado, não é de admirar que sejam escassos e insufficientes os dados referentes aos primitivos habitantes do Rio Grande do Sul. E' singular, entretanto, que o livro do padre Gay, tratando minuciosamente dos indigenas do Brazil meridional e do Paraguay nem sequer nos transmita o nome de uma nação dos Patos. E' bastante notavel neste sentido o manuscrito do anno de 1612 que Gay (N. 4 p. 429) reproduz com referencia aos indigenas do Rio Grande do Sul, mencionando Guaranys, Arachanes, Charruas e Goyaná's. Nem o manuscrito anonymo de 1584 (N. 18), nem Gabriel Soares mencionam os Patos, tratando aliás apenas dos indigenas desde o Pará até Santa Catharina.

Com referencia ao livro de Ayres Casal diz Alfredo F. Rodrigues, ter elle sido o primeiro a mencionar os Indios Patos, ao passo que segundo F. Outes elle se teria referido não a Indios, mas á ave Pato. Neste sentido trata-se de um engano do ultimo dos dous autores, visto que o livro de Ayres Casal, Vol. I. p. 134 e 141 se refere exclusivamente a Indios.

Em geral podemos verificar que os escriptores do seculo XVI não mencionam Indios Patos, referindo-se apenas ás aves palmipedes e que nas publicações do seculo XVII se acha registrada uma tribu de Patos, sem que entretanto fossem dadas informações exactas.

Conclusões

Resulta da exposição precedente que, para a explicação dos nomes da Lagoa dos Patos, do Rio dos Patos, etc. na literatura antiga ha duas versões: Uma que se refere ás aves palmipedes de que trata a literatura do seculo XVI e outra referente aos Indios Patos segundo a literatura do seculo XVII e seguintes. Contra esta segunda opinião póde-se objectar a falta de informações,

referentes a estes indigenas na literatura mais antiga e isto no proprio manuscripto anonymo de 1612, publicado por Gay. E' preciso, entretanto, considerar que algum dos outros nomes de tribus rio-grandenses, indicados naquelle manuscripto, póde ser synonymo do dos Patos e, mais, que argumentos de caracter negativo nada provam, particularmente, sendo, como é, a literatura antiga deficiente em informações ethnographicas aproveitaveis. Por sua vez a literatura do seculo XVI contem varias informações sobre a origem ornithologica destas denominações, mas as mesmas são contradictorias entre si. As aves a que se referem os antigos escriptores, é licito suppôr-se, não devem ter sido nem penguins ou biguás nem marrecas ou patos domesticados. Já João Dias de Solis, em 1515, deu á ilha de S. Catharina o nome de Ilha dos Patos, sendo impossivel suppor que isto dissesse respeito a aves domesticadas, importadas da Europa.

Se as diversas denominações dos «Patos» fazem referencia a aves aquaticas, póde-se tratar apenas do «Pato real» (*Cairina moschata*), devendo-se suppor que esta ave tenha existido n'aquella época em muito maior numero que hoje, nas costas do Brazil meridional. Se assim fôr, não seria para admirar que os exploradores tivessem dado a varias localidades a denominação dos «Patos», visto representar esta ave, sem duvida, a caça mais valiosa entre as aves aquaticas daquella região.

Em favor desta hypothese posso acrescentar o resultado de um estudo geologico por mim publicado (N. 12), que prova uma modificação profunda no caracter da vegetação no littoral do Rio Grande do Sul. Perto da costa observei, na visinhança da cidade de Rio Grande do Sul, collinas, corôadas de uma vegetação de arbustos espinhosos, que mostravam pouco em baixo da superficie uma camada argillosa, humosa, com conchas terrestres e fluvia-tis, que suggerem uma modificação profunda da flora e da fauna. De experiencias desta ordem devem lembrar-se

os engenheiros que pretendem melhorar as condições da Barra; recommenda-se, como auxilio indispensavel, a defeza das terras por meio de vegetação, não só nas margens do canal, mas tambem numa faixa de 1 — 2 leguas de largura.

*
* * *

E' preciso confessar que os dados aqui expostos não conduziram a um resultado seguro.

Admittindo que os auctores que fallam de indios Patos tivessem commettido um erro, a mesma supposição é applicavel aos auctores do seculo XVI, cujas informações a respeito das aves «patos» são contradictorias, mas tambem em parte incomprehensíveis e evidentemente falsas. A explicação, entretanto, que nas actuaes circumstancias mais se recommenda, é a do Snr. Alfredo F. Rodrigues, que precisa ser modificada só no que diz respeito ás aves que causaram a dita denominação. O caso seria então o de ter sido, antigamente, o Pato real muito mais frequente no Brazil meridional do que actualmente, tendo causado a denominação de varias localidades porque, como excellente caça que é, tornou-se digno de toda attenção por parte dos descobridores. O que neste sentido nos confirma mais nesta opinião é o facto de existirem tambem em outros Estados do Brazil localidades com a denominação de «Patos», como nos estados de Minas Geraes e Parahyba. Não podemos attribuir estes nomes tambem n'aquelles Estados a uma tribu desconhecida dos Patos, sendo ao contrario evidente que a explicação, que deriva de uma origem commum a todas estas denominações, é a mais acceptavel.

São Paulo, 8 de Agosto de 1903

Literatura.

1) *Alfredo F. Rodrigues*. O nome da Lagoa dos Patos. Anuario do Rio Grande do Sul para 1899 por Graciano A. de Azambuja, Porto Alegre 1898, p. 154—156.

2) *Alvar Nunes Cabeça de Vacca*. Commentaires aux voyages, Relations et Mémoires originaux pour l'Histoire de l'Amérique, Paris 1837.

3) *Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira*. Noticia raciocinada sobre as aldêas de indios da Provincia de S. Paulo, desde o seu começo. até a actualidade. Revista da Sociedade de Ethnographia e Civilisação dos Indios. Tomo I. N.º 1 São Paulo, 1901 p. 35—59. Rev. Hist. e Geogr. Inst. Hist. Brazil, Tom. VIII, Rio de Janeiro 1867, p. 204—254.

4) *Conego João Pedro Gay*. Historia da Republica Jesuitica do Paraguay; Rev. Inst. Hist. do Rio de Janeiro. Tomo XXVI, 1863.

5) *C. F. Ph. von Martius*. Zur Ethnographie Americas, zumal Brasiliens. Leipzig, 1867.

6) *C. F. Ph. von Martius*. Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Americas, zumal Brasiliens II. Zur Sprachenkunde. Leipzig, 1867.

7) *Eduard Hahn*. Die Haustiere und ihre Beziehungen zur Wirtschaft des Menschen. Leipzig, 1896.

8) *Felix F. Outes*. El puerto de los Patos y la region adjacente en la época de la conquista. Historia, Tomo I. Buenos Aires 1903, p. 421—441 com 6 estampas.

9) *Guilherme Pisonis* de Medicina Brasiliense libri quatuor et *Georgii Marcgravi* Historia rerum naturalium Brasiliæ libri octo. Lugdum. Batavorum et Amstiodami 1648.

10) *H. von Ihering*. Die Lagoa dos Patos. Deutsche Geographische Blätter, Bd. VIII. Bremen, 1885, p. 164—203. Taf. III.

11) *H. von Ihering*. Die Vögel der Lagoa dos Patos. Zeitschrift für gesammte Ornithologie, Budapest, 1887, p. 142—165, Taf. I.

12) *H. von Ihering*. Ueber Binnen-Conchylien der Küstenzone von Rio Grande do Sul. Archiv für Naturgeschichte, Bd. 60, Berlin 1894, p. 37—40.

13) *H. von Ihering*. El Hombre Prehistorico del Brasil. Historia tom. I, Buenos Aires, 1903, p. 161 ss.

14) *Pedro Taques de Almeida Paes Leme*. Historia da Capitania do S. Vicente desde a sua fundação por M. A. de Souza em 1531: escripta em 1772. Rev. Inst. Hist. e Geogr. Brazil, Tomo IX, Rio de Janeiro 1847.

15) *Samuel A. Lafone Quevedo*. Juan Dias de Solis. Historia, Tomo I, Buenos Aires 1903, p. 57 ss.

16) *Gabriel Soares de Souza*. Tratado descriptivo do Brazil em 1587. Rev. Inst. Hist. e Geogr. do Brazil. Tomo XIV, Rio de Janeiro 1879, p. 1—382.

17) *Padre Nobrega*. Informação das terras do Brazil. Rev. Hist. e Geogr. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro. Tomo VI, Rio de Janeiro, 1865, p. 91—94.

18) *Anonymo*. Principio e origem dos Indios do Brazil e seus costumes, adoração e cerimoniaes. Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro, Tomo LVIII. Parte I, Rio de Janeiro 1894, p. 185—213.

